



Uma breve história de ressentimento, propaganda, fake news, desinformação e eleições no Brasil recente

A brief history of
resentment, propaganda,
fake news, misinformation
and elections in Brazil last
years

Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (2012), na área de Teoria e Tecnologias da Comunicação. Sua tese se insere na história das teorias da comunicação e resgata o pensamento do cientista político Harold Lasswell, daí o título “Harold Lasswell e o Campo da Comunicação”. É mestre em Comunicação também pela Universidade de Brasília (2002), na área de Imagem e Som, onde defendeu a dissertação “Nosferatu: o imaginário de uma sinfonia de horror”, com base na teoria sobre o imaginário de Gaston Bachelard. Graduiu-se em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (1999) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora Adjunta do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, trabalha especialmente com Teorias da Comunicação, Ética e Redação Jornalística. Coordena o projeto SOS Imprensa e é coordenadora editorial da FAC Livros. É colunista do Portal Imprensa e vice-coordenadora da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (Renoi).



Resumo

Resenha do livro *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital* (Patrícia Campos Mello, Companhia das Letras, 2020). Apresenta-se a ideia inicial da obra, sua autora e os acontecimentos relacionados ao seu trabalho como jornalista, sobretudo a partir da reportagem *Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp*, publicada em 2018 pela Folha de S. Paulo. Em seguida, contextualiza-se a ascensão do tecnopopulismo e suas estratégias. Por fim, sintetiza-se a obra resenhada, entendendo-a como um instantâneo e importante exemplo do momento político atual do Brasil, bem como das relações que hoje o poder mantém com o jornalismo.

Palavras-chave: A máquina do ódio. Fake news. Desinformação. Eleições. Patrícia Campos Mello.

Abstract

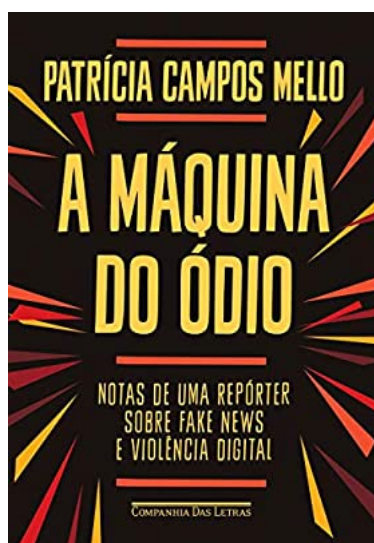
Review of the book *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital* (Patrícia Campos Mello, Companhia das Letras, 2020). It presents the initial idea of the book, its author and how the events related to her work as a journalist, especially since the report *Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp*, published in 2018 by Folha de S. Paulo. Then, the rise of technopopulism and its strategies is contextualized. Finally, the work reviewed is synthesized, understanding it as an important snapshot of Brazil's current political moment, as well as of the relations that power currently maintains with journalism.

Keywords: A máquina do ódio. Fake news. Disinformation. Elections. Patrícia Campos Mello.

Apresentação

Foi em 2016 que começamos a falar mais comumente sobre *fake news* – desde a campanha presidencial nos Estados Unidos daquele ano. A história já é bastante conhecida. Donald Trump ajudou a popularizar o termo, utilizando-o para acusar a imprensa de referência estadunidense de mentir sobre ele. Por outro lado, essa mesma imprensa percebeu que havia algo de *fake* do lado de seu acusador – e que estava longe de ser jornalismo, como o uso de *news* poderia fazer supor. De lá pra cá, habituamo-nos a conviver diariamente com o vocábulo, que, de tão saturado, passou a ter seus sentidos questionados, ou mesmo, foi deixado de lado sob queixas de ser apenas um modismo terminológico ou ingênuo. *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital* (Companhia das Letras, 2020), da jornalista Patrícia Campos Mello, mostra que nos enganamos e que não há nenhuma ingenuidade nas *fake news* que passaram a circular no cenário político brasileiro.

Figura 1 - Capa do livro *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*



Fonte: Companhia das Letras, 2020.

Jornalista premiada (incluindo o Maria Moors de Cabot, da Universidade de Columbia, em 2020, e o brasileiro Vladimir Herzog, em 2019), Patrícia Campos Mello foi, ela própria, alvo de informações falsas em 2019 e de campanha difamatória nas mídias sociais – fato com o qual ela abre o livro. No ano anterior, Patrícia revelou em reportagem na *Folha de S. Paulo*¹ esquema de disparo em massa de mensagens em benefício do então candidato Jair Bolsonaro, realizado por empresários,

¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em 24 de set. de 2020.

prática proibida pela legislação eleitoral no Brasil. A reportagem, publicada pouco antes do segundo turno das eleições de 2018, afirmava:

Empresas estão comprando pacotes de disparos em massa de mensagens contra o PT no *WhatsApp* e preparam uma grande operação na semana anterior ao segundo turno.

A prática é ilegal, pois se trata de doação de campanha por empresas, vedada pela legislação eleitoral, e não declarada.

A *Folha* apurou que cada contrato chega a R\$ 12 milhões e, entre as empresas compradoras, está a Havan. Os contratos são para disparos de centenas de milhões de mensagens. (MELLO, 2018, p.20)

Apesar de focar mais nas estratégias de disseminação dessas mensagens e menos em seus conteúdos, a reportagem teve impacto nos rumos da percepção sobre o papel das *fake news* no pleito para a presidência da república (ainda que não tenha modificado as preferências eleitorais naquele momento). Na verdade, essa última questão é o ponto nevrálgico do livro de Patrícia Campos Mello. Ao contrário de ocasionar rejeição à candidatura de Bolsonaro, o material acabou enredando Mello em uma ampla teia de ataques à sua reputação não só como jornalista, mas, também, como mulher. A situação se agravou ainda mais em 2020, quando a CPMI das *Fake News* ouviu o depoimento de um dos ex-funcionários de uma das empresas contratadas para os disparos em massa, Hans River do Nascimento. Segundo o relato falso do depoente, a repórter teria oferecido sexo em troca de informações.

A partir daí, o calvário de Mello se intensificou, com ofensas vindas, inclusive, do já então presidente, que afirmou, utilizando-se de duplo sentido: "Ela queria um furo. Ela queria dar um furo a qualquer preço contra mim" (SOARES, 2020)². Além dos insultos dirigidos a ela, também viu surgirem ameaças contra sua família. Ela relata:

Recebi milhares de mensagens ofensivas no Facebook, no Twitter e no Instagram. Fechei todas as minhas redes sociais. Em uma delas, o Facebook, um fulano afirmava: "Se você quer a segurança do seu filho, saia do país. Não é uma ameaça, é um aviso". Manoel tinha seis anos.

Hackearam meu celular. Textos a favor de Bolsonaro foram disparados a partir da minha conta no Whatsapp. Várias mensagens sumiram (por sorte eu tinha backup de tudo o que importava para a matéria). [...] Tive que cancelar tudo por um mês. (MELLO, 2020, p. 13-14)

Apesar dos desafios pessoais que aquela primeira reportagem na *Folha de S. Paulo* trouxe para a jornalista, ela sabe que esses acontecimentos particulares são resultado inconteste do avanço da política em plataformas digitais e mais notadamente do que vem sendo chamado de tecnopopulismo, uma versão do populismo para mídias digitais e que vem sendo bem sucedido não apenas no Brasil, mas em boa parte do mundo contemporâneo, incluindo países ricos. O

² Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/18/interna_politica,828834/bolsonaro-sobre-reporter-da-folha-ela-queria-dar-um-furo-jornal-reage.shtml. Acesso em 24 de set. de 2020.



tecnopopulismo transforma a cidadania em uma *commodity* e a propaganda eleitoral contínua, tomando forma de:

[...] uma dança frenética que atropela e vira ao avesso todas regras estabelecidas. Os defeitos e os vícios dos líderes populistas se transformam, aos olhos dos eleitores, em qualidades. Sua inexperiência é a prova de que eles não pertencem ao círculo corrompido das elites. E sua incompetência é vista como garantia de autenticidade. As tensões que eles produzem em nível internacional ilustram sua independência, e as *fake news* que balizam sua propaganda são a marca de sua liberdade de espírito. (EMPOLI, 2019, p.12)

Assim, o caminho que Patrícia Campos Mello percorre no livro *A máquina do ódio* é pavimentado com a certeza de que o que assistimos hoje no Brasil é resultado de uma conjuntura que, ainda que guarde suas peculiaridades, estende-se por canais subterrâneos de cólera e ira, aparecendo nos levantes de uma política que pode muito bem ser resumida na frase de Ricardo Casaleggio, ideólogo italiano que redefiniu as eleições em seu país, morto em 2016. Casaleggio costumava dizer: “Não me interessa por política, o que me interessa é a opinião pública”.

Essa antipolítica é, ao mesmo tempo, uma política *ad eternum*, na qual a conquista de eleitores não pode estar confinada a momentos de campanha, devendo ser realizada a cada instante, de modo imediato, a partir das possibilidades colocadas pela internet e suas redes. Portanto, nesse cenário,

[...] para fazer política não é preciso se inscrever num partido e esperar pelos resultados anos a fio. Você pode fazer política em qualquer momento do seu dia, publicando comentários no blog ou difundindo posts na plataforma. E, assim, fazer parte das coisas desde o início do processo. (CANESTRARI *apud* EMPOLI, 2019, p. 31)

Canestrari falava, na citação acima, de um universo que ainda não contava com a ampla utilização das mídias sociais, nem com a inteligência artificial de seus algoritmos (era 2007), o que tornaria tudo ainda mais frenético e constante. Mais que isso, já não haveria mais início nem fim, em campanhas infinitas, arregimentadas por sentimentos de revolta contra um *status quo* pouco palpável, mas visível sobretudo pelas lentes do ressentimento. A expertise foi sendo gradativamente substituída por vocalizadores desse ressentimento, muitas vezes a partir de mentiras e um discurso incitador de mais raiva ainda. Desse modo, vimos emergir nessa última década os gurus desse movimento, circulando com desenvoltura no ambiente político, como autoridades. Steve Bannon e Olavo de Carvalho são os exemplos mais próximos do contexto brasileiro.

São essas bases que fazem com que *A máquina do ódio* foque em aspectos cruciais para a movimentação das engrenagens sob seus aspectos ideológicos, que representam grande parte do construto para que o tecnopopulismo de direita possa avançar nesse início de século.

Destarte, Patrícia Campos Mello escreve sobre os usos do Whatsapp como ferramenta de propaganda nas eleições de 2018 (capítulo um); o assassinato de reputações, especialmente aquelas contrárias ou críticas aos donos do poder (capítulo dois); as *fake news* e sua contribuição na ascensão dos neopopulistas (capítulo três); a descredibilização da mídia tradicional como estratégia política (capítulo quatro). A partir desses quatro recortes precisos, que vão sendo amalgamados ao



longo da narrativa da repórter, Mello consegue delinear um quadro complexo e perturbador no que diz respeito aos estratégias que alicerçam as novas arenas políticas nas mídias digitais.

No primeiro capítulo, “A eleição do Whatsapp no Brasil”, a jornalista torna público todo o seu processo de apuração para a reportagem *Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp*, indicando como chegou até Hans River do Nascimento, a maneira que comprovou a autenticidade das informações e a forma que buscou atender ao princípio constitucional do sigilo de fonte, tão caro ao jornalismo. Também é feito um bom esmiuçamento da questão das *fake news* no período eleitoral coberto pela reportagem, destacando dois dos mais representativos casos: o chamado *kit gay* e a intitulada “mamadeira de piroca”.

Outro conteúdo que se tornou representativo da agressiva campanha de desinformação nas eleições de 2018 foram variantes do kit gay e da fatídica “mamadeira de piroca”, além da sugestão de que Haddad advogava pelo incesto como estratégia de ascensão do socialismo.

Uma checagem da Aos Fatos³ desmentia o vídeo que dizia que, para combater a homofobia, o PT havia distribuído em creches mamadeiras com bico de borracha em formato de pênis. A Agência Lupa⁴ fez a checagem de uma das mensagens, que mostrava uma antiga postagem de Olavo de Carvalho acusando um livro de Fernando Haddad de defender sexo entre pais e filhos. O livro *Em defesa do socialismo*, lançado em 1998 pela editora Vozes, não faz nenhuma menção ao incesto nem defende a ideia de que o “tabu do incesto” precise ser derrubado para implantar o socialismo (MELLO, 2020, p. 39)

O minucioso trabalho de detalhamento realizado por Mello neste capítulo não se omite em reconhecer que a própria imprensa, às vezes, ajuda a criar um clima de desconfiança em seu entorno. Entretanto, alerta que no caso das *fake news* os interesses por trás de sua viralização são imensamente mais danosos que uma publicação com viés editorial dúbio, pois atingem as instituições democráticas em cheio e transformam eleitores em consumidores, fazendo com que esses tomem decisões levando em consideração apenas seus sentimentos insuflados pela revolta.

Em seguida, no capítulo “Assassinato de reputações, uma nova forma de censura”, Mello descreve como o ataque se tornou a melhor forma de defesa no espaço público da internet segundo essas diretrizes – com difamação contínua e intensiva de alvos escolhidos por representarem algum perigo ao edifício de pós-verdade desses novos tempos. O caso de Patrícia Campos Mello é um exemplo desses ataques.

Após o depoimento de Hans River do Nascimento, um vídeo com o título “Jornalista da Folha” teve mais de 278 mil visualizações no canal Hipócritas do Youtube. O vídeo mostra uma prostituta se ofendendo por ser chamada de jornalista da *Folha*. Além dessa peça, também é citado outro vídeo com o ator Alexandre Frota, atualmente deputado federal pelo Estado de São Paulo. Nele, Frota xinga Patrícia Campos de Mello enquanto mostra fotos dela, em 8 minutos. A campanha de difamação sofrida pela repórter foi intensa, fazendo com que ela precisasse, pela primeira vez, andar acompanhada de guarda-costas em seu próprio país.

³ Agência de checagem de notícias brasileira. Nota da autora.

⁴ Agência de checagem de notícias brasileira. Nota da autora.

A jornalista paulistana Patrícia Campos Mello é daquelas repórteres que corre o mundo (e, às vezes, riscos) em busca de histórias que precisam ser contadas: já esteve em mais de cinquenta países, muitos atingidos por conflitos violentos. [...] Porém, foi aqui mesmo, no Brasil, que ela precisou andar acompanhada por guardacostas quando se transformou em alvo de uma violenta campanha de difamação nas redes sociais em 2018. Campos Mello despertou a fúria do gabinete do ódio e das milícias digitais depois de revelar, dias antes do segundo turno das eleições presidenciais, um esquema de disparos em massa de notícias falsas, a maioria em benefício do então candidato Jair Bolsonaro. (PAYNO, 2020, p. 125)⁵

Mello entende que, apesar dos danos pessoais, essas ofensivas não são exclusividade dela, como dito antes. Neste capítulo, destrincha os meandros dessas ações e reforça:

O pior de tudo é pensar que essas campanhas de assassinato de reputação são meras peças na estratégia de comunicação digital do governo. Os ataques são usados para distrair as pessoas, fazem, com que não prestem atenção em fatos realmente importantes. Tal como Donald Trump, Bolsonaro é um profissional da fabricação de factóides. (MELLO, 2020, p. 108)

Essa visão de comunicação é aprofundada nos dois capítulos seguintes e derradeiros da obra: “Fatos alternativos e a ascensão de populistas no mundo” e “Bolsonaro e o manual de Viktor Orbán⁶ para acabar com a mídia crítica”. Nesses dois últimos pontos de *A máquina do ódio*, fica evidente que o tecnopopulismo se alimenta essencialmente do discurso em que a verdade já não é tão importante (como instaurado pelos cientistas iluministas no século XVIII) quanto às crenças que nos orientam em uma sociedade cheia de inseguranças. Em meio ao oceano de incertezas, essas crenças, reforçadas pelos ideólogos que citamos, aparecem como um ponto de apoio – ainda mais sob a lógica dos algoritmos. Mello relembra o escândalo da Cambridge Analytica que, minerando e roubando dados de mais de 50 milhões de usuários de mídias sociais (em especial, o Facebook), impactou na eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e também no Brexit⁷.

Segundo Mello, tanto Bolsonaro, quanto Orbán (e outros políticos de extrema direita no mundo) apostam em descredibilizar a mídia independente, não vinculada ao governo. Dessa forma, apenas as fontes oficiais, encarnadas, sobretudo, nos próprios chefes do executivo das nações, seriam confiáveis. Por consequência, a “verdade” passaria unicamente pelos canais oficiais. O resto seria mentira (o que explica a ação contínua de Trump de acusar os jornais de *fake news* e a de Bolsonaro chamá-los de canalhas e de inimigos). Além disso, sufoca-se economicamente os ditos veículos independentes, de modo a ameaçar sua sobrevivência; repete-se diariamente ofensas à imprensa, que também passam a ser repetidas por cidadãos comuns; tenta-se dificultar o acesso a informações de interesse público mas que atingem os governantes.

Vimos tudo isso acontecendo em meio à pandemia do novo coronavírus e é com ela que Patrícia Campos Mello fecha *A máquina do ódio*, questionando-se a respeito se a Covid-19, que aumentou a busca por informações jornalísticas, salvaria o jornalismo, recolocando-o em um dos

⁵ Disponível em: <https://gamarevista.com.br/conversas/cv-patricia-campos-mello/>. Acesso em: 25 de set. de 2020.

⁶ Primeiro-ministro da Hungria desde 2010. Considerado um dos últimos ditadores da Europa. Nota da autora.

⁷ Apelido dado à saída do Reino Unido da União Europeia.



lugares de honra do discurso objetivo. Poucos meses após a publicação do livro de Mello, essa é uma resposta que ainda não temos. Com o início da queda da curva de contaminações na maior parte do Brasil, parece, entretanto, que a narrativa populista, negacionista e anti-imprensa volta a se fortalecer. Mas, essa também é uma afirmação a ser avaliada.

No que diz respeito à *A máquina do ódio*, contudo, há muitas certezas. Mais jornalístico que acadêmico, o livro nos dá uma dimensão impreterível sobre a realidade da política que se organiza agora pelas redes sociais, bem como do papel das *fake news* e da desinformação na batalha, como se dizia no passado, pelos corações e mentes dos eleitores. Junto a isso, revela-nos como o jornalismo independente, a despeito de todos os seus problemas, ainda é fundamental para o funcionamento de uma sociedade democrática. Patrícia Campos Mello escreve uma brevíssima história do Brasil recente, enquanto ela ainda se desenrola. Tudo isso pelo olhar seguro e privilegiado de quem, pelo lado de dentro, mesmo vitimada, ainda consegue lutar para que a imprensa resista.

Referências

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

MELLO, P. C. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PAYNO, M. Uma jornalista no front. **Gama**, São Paulo, 24 jul. 2020. Disponível em: < <https://gamarevista.com.br/conversas/cv-patricia-campos-mello/> >. Acesso em: 25 set. 2020.

SOARES, I. Bolsonaro, sobre repórter da Folha: 'Ela queria dar um furo'; jornal reage: "ela queria dar um furo a qualquer preço contra mim", disse o presidente da república nesta quinta-feira, entre risos. **Correio Braziliense**. Brasília, 18 fev. 2020. Política. Disponível em: < https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/18/interna_politica,828834/bolsonaro-sobre-reporter-da-folha-ela-queria-dar-um-furo-jornal-reage.shtml >. Acesso em: 24 set. 2020.